

A BICICLETA AZUL

José Benjamim de Lima

Audiência de instrução. Processo por receptação dolosa de uma bicicleta. Réu acusado de tê-la adquirido de pessoa desconhecida, sabendo tratar-se de objeto furtado. Em audiência anterior, de interrogatório, confirmara ter adquirido o bem de um desconhecido, mas não sabia que tinha sido furtada e o preço que pagara era mais ou menos o valor corrente.

Apregoadado, entra na sala o acusado. Magro, quase esquelético, dentes podres, mal-vestido, segue a indicação do escrevente e se senta numa cadeira, ao fundo da sala. Profissão: boia-fria. O advogado nomeado não comparecera. O juiz manda providenciar um ad hoc.

Entra a vítima para prestar declarações. É um negrinho sorridente, olhos vivos e espertos, camisa xadrez. O juiz pergunta-lhe a idade. Responde doze anos. Conhece o réu? Aponta. O menino diz não. Consta aqui que sua bicicleta foi furtada e, tempos depois, localizada em poder do réu. Como é que aconteceu?

- Fui na venda do seu Nofre comprar açúcar para a mãe. Deixei a magrela estacionada em frente e quando saí não estava mais lá. A mãe deu parte na polícia. Uns dois meses depois o investigador foi em casa avisar que tinham encontrado minha bicicleta. Fui com minha mãe à delegacia e eles devolveram a bike.

- Qual a marca? Caloi.

- Era nova? Era. Minha mãe tinha comprado a prestação nas Lojas Brasimac e me deu de aniversário fazia uns quatro meses.

- E a bicicleta que a polícia recuperou era realmente a sua?

O garoto revirou os olhos, remexeu-se na cadeira e ficou pensativo, sem responder.

O juiz: - era a sua ou não?

Novamente o menino remexeu-se na cadeira, sem graça. Revirou os olhinhos e perguntou: tem de falar a verdade?

- Sim, aqui na Justiça só se deve falar a verdade, respondeu o Juiz.

Revirou novamente os olhos: então, se é pra falar a verdade, eu acho que não era a minha. A minha era nova e roxa, aquela era azul e velha, mas o investigador falou que o ladrão devia ter pintado ela para disfarçar e devia ter judiado bastante da magrela, por isso estava meio acabada.

- Então você acha que não era a sua?

- Acho.

O garoto assina a declaração e sai meio sem graça. Não sabia se havia agido certo ou se fizera coisa errada.

Em seguida, entra a mãe do menino, ouvida como testemunha.

Não conhece o réu, nunca o vira antes. Confirma ter comprado a bicicleta a prestação fazia uns seis meses da data do furto. Fora presente de aniversário ao filho, que fazia muito tempo vivia lhe pedindo uma. Não comprara antes porque não tinha condições: uns dias trabalhava de faxineira; outros, lavava e passava roupa para ganhar o sustento. O pai abandonara a família fazia muitos anos. Sumira no mundo. Nunca mais teve notícia dele. Desde então cuidava sozinha da família. O menino era o mais velho. Sabido como ele só. Ia bem na escola. Por isso fez sacrifício e lhe comprou a bicicleta.

Perguntada, confirma o furto. O menino chegou em casa chorando. Mãe, roubaram a bicicleta na frente da venda do seu Nofre. Entrei para comprar o açúcar e quando saí ela não estava mais lá. Foi à polícia dar queixa. Queria a bicicleta de volta, paga com muito sacrifício. Graças a Deus, uns dois meses depois a polícia a encontrou.

Minha senhora, seu filho parece ter dúvida se a bicicleta que a polícia devolveu é mesmo a dele, o que tem a esclarecer sobre isso?

A mulher ficou sem jeito e gaguejou: é para falar a verdade, doutor?

- Sim, minha senhora, aqui na Justiça não pode mentir, senão a senhora pode ser processada por falso testemunho.

- Bem, se é para falar a verdade, vou falar. Não é a bicicleta do meu filho não, doutor, a dele era roxa e novinha.

- Mas se a senhora tinha certeza de que não era a bicicleta de seu filho, porque não disse à polícia, por que aceitou a restituição?

- Eu disse, doutor, não é a nossa não. Mas o investigador falou: Dona Dolores, essa bicicleta foi furtada, mas não se sabe de quem era, faz de conta que é a sua, a senhora é pobre, se não pegar, vai ficar sem nada, no prejuízo. A senhora é quem sabe. Aí então eu peguei.

Assinado o depoimento da testemunha, o promotor desistiu do restante da prova e requereu a absolvição do réu, o que foi acolhido de plano pelo juiz. (limajb48@gmail.com)

Crônica extraída do livro “Vou-me embora pra Galápagos”, pp. 39-41.

